



TÍTULO DO ARTIGO

Dielly de Castro Silva¹
Alan Patrick de Souza Oliveira²
Amadeu Lima de Deus³
Marcos Diego Santiago da Silva⁴
Silvia Lilia Silva Sousa⁵
Zenaide Lima da Silva⁶

Resumo: Como a sociedade, de acordo com seus tabus, regras e pré julgamentos, percebe alguns circuitos de lazer LGBT na grande Belém, e de que forma esses espaços possibilitam o processo de socialização e representação dos atores sociais em questão? Esta pergunta pretende ser respondida nesta pesquisa, em um passeio pelos espaços de lazer utilizados, em maioria, pelo público LGBT, ampliando, contrapondo e refletindo a visão estereotipada, desses espaços de lazer como antros de promiscuidades, verdadeiros paraísos de liberdade sexual, por isso, alvos de preconceito constante, principalmente por aqueles que se recusam a frequentar, acreditando serem esses espaços, próprios do público homossexual.

Palavras-chave: Circuito de Lazer, Pré- conceito.

¹Graduanda em Ciências sociais, com ênfase em Antropologia na UFPA. diellycastro@hotmail.com

²Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia na UFPA. Apso19@hotmail.com.

³Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia na UFPA. Amadeu25lima@hotmail.com

⁴ Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na UFPA. sdiego62@hotmail.com

⁵ Graduanda em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Silvia_liliasousa@hotmail.com

⁶ Graduanda em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia na UFPA. amilzena@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Belém, capital do Estado do Pará, a cidade das mangueiras, carregou durante muito tempo o título de “Metrópole da Amazônia” e já foi considerada um pedaço de Paris na América Latina. A cidade é famosa em quase todas as partes do mundo, por sua riqueza cultural, sua requintada arquitetura herdada do período colonial etc. Porém não só de títulos positivos Belém vive. Segundo a pesquisa intitulada “Política, Direitos, Violência e Homossexualidade” realizada em 2008 coordenado pelo professor Sérgio Carrera, em capitais do Brasil e em outros países da América Latina, Belém foi considerada a segunda capital em homofobia, perdendo apenas para São Paulo, a pesquisa apontava serem as praças e as ruas, os espaços onde mais se praticavam agressões verbais, morais e físicas contra homossexuais.

Sabe-se que as agressões sofridas pelos homossexuais, declarados ou não são inúmeras, expressas explicitamente, em forma de piadas de mau gosto, apelidos de cunho preconceituoso, por vezes vulgares, agressões morais, físicas e verbais, mas também implicitamente, interiormente alimentada e expressa em frases cotidianamente repetidas, certamente já ouvimos uma delas, ao menos uma vez na vida: “Eu respeito homossexuais, mas é eu aqui e ele lá”, “Eu até tenho amigos gays”, “respeito homossexuais, graças a Deus não tem na minha família”.

Uma das formas de preconceito implícito que nos levou a construção desse trabalho foi a forma negativa com a qual algumas pessoas se reportavam aos espaços pertencentes ao circuito de lazer homossexual, muitos sem nunca terem frequentado tais espaços. Isto nos levou a realizar uma pesquisa, através de questionários e entrevistas, cujo objetivo foi identificar como esses locais eram vistos em diferentes óticas sociais da população de Belém.

A partir dos anos 90 nota-se uma mudança de localização nos espaços destinados ao público homossexual, como muito bem aponta Isadora França Lins (2007) em seu estudo sobre “Homossexualidade e sua relação com o mercado em São Paulo”. Para a autora, tais espaços localizavam-se nas áreas mais afastadas e escondidas das cidades, geralmente na periferia. Agora eles se impõem nos grandes centros comerciais, muitas vezes em bairros nobres, ocupando espaços que socialmente são reconhecidos como de lazer do público heterossexual.

É o que se observa, quando se procura a localização dos mais destacados pontos de lazer homossexual na cidade de Belém, situados basicamente em bairros habitados pela classe média como o Umarizal, ou bairros que acumulam histórico de crescimento econômico como o Bairro do Reduto, Ramon Reis (2011) áreas que experimentam um rápido crescimento comercial, como a Avenida Augusto Montenegro, ocupando assim, áreas consideradas periféricas da grande Belém. No entanto o que se quer destacar aqui é a evidência que esses espaços tomam com o decorrer do tempo. “Na década de 1990, o que se conhecia como o “gueto” transformou-se num mercado mais sólido, expandindo-se de uma base territorial mais ou menos definida para uma pluralidade de iniciativas [...]” (França, 2007) a afirmativa da autora refere-se à cidade de São Paulo, porém esta tendência se observa também em nosso campo de estudo.

SOCIABILIDADE E LAZER: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os espaços de lazer e sociabilidade em Belém, como em outras capitais, estão situados em sua maioria nos centros urbanos. A população, contudo, ao frequentar os ambientes festivos, compreende que esses lugares estão ali com objetivo de proporcionar um momento de lazer ou entretenimento, que alivia o stress do dia a dia, do trabalho, da vida cotidiana moderna como um todo.

No entanto, quando se trata de observar esses mesmo espaços, só que destinados em sua maioria para o público homossexual, a percepção do senso comum torna-se um pouco divergente. Para alguns, são espaços como outro qualquer, para outros, são lugares que o sexo é o fim último, e que consumo de bebidas e drogas se tornam maior. Sem falar naqueles que veem como um “mau exemplo para sociedade”, já que muitos lugares passam por um processo de construção social desses espaços pelos sujeitos em questão. A exemplo, de praças, shopping centers, comumente entendidos como locais públicos. Cria-se com isso, uma identidade que escapa a regra das convenções sociais e estabelece, em certa medida, um modo de vida próprio, “um exercício livre de todos os conteúdos materiais, ocasionando o fenômeno da sociabilidade” (Simmel, 2006).

Segundo Georg Simmel, a sociabilidade se dá a partir de interações entre os indivíduos que partem de relações de interesse. Nossa pesquisa trabalha com duas visões a cerca da sociabilidade nos espaços LGBT em Belém: a primeira situa esses espaços dentro de uma lógica promiscua, os estímulos que movem seus frequentadores, portanto estão enquadrados na âmbito sexual, erótico. A outra visão a cerca desses

espaços associa-os a lugares de lazer onde as interações são movidas pela identidade grupal a diversão, autoafirmação e resistência. A sociação é, portanto, “a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfaz em seus interesses. Esse interesse quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, foram à base das sociedades humanas”. (Moraes Filho & Fernandes, 1983).

OS ESPAÇOS GLS EM BELÉM: UMA VISITA A CAMPO

Ao entrarmos no universo homossexual da capital paraense, observamos que esses espaços encontram-se dispersos ao longo do centro, e outros que estão situados mais em áreas periféricas. Podemos destacar algumas boates como: Malícia Hot, Lux Dance Pub, Hache Club, Vênus e Rainbow (as duas últimas localizam-se na periferia). Já se tratando de bares, temos: Bar Veneza e bar da Ângela. Esses lugares são entendidos como do público gay, simpatizantes ou afins. Entretanto, cabe destacar que o bar Veneza tem bastantes frequentadores entendidos como heterossexuais, uma vez que a presença de casais de namorados é significativa. Além disso, o local situa-se numa área que há um grande fluxo de pessoas e também divide espaço com outros bares e casa de festas voltadas para o público heterossexual.

Malícia e Lux, segundo Reis,(2011) são dois ambientes que se destacam por serem distintos quanto o público. O primeiro concentraria pessoas de classe média baixa/alta, que gozam do status de “bichas finas”. Também as características físicas/comportais estariam mais adequadas à visão do senso comum sobre o modo de ser masculino. Já a Lux, agrega um número de jovens entre 18-20 anos que trazem em sua identidade de gênero o componente feminino, e conseqüentemente, tem o poder aquisitivo menor, sendo provenientes da classe baixa.

Nossa intenção não é fazer uma reflexão quanto aos marcadores sociais de classe ou idade nesses espaços, mas de situá-los como objeto de análise, à medida que eles aparecem na fala de nossos entrevistados quando questionados sobre os “points gays” em Belém. Os que já frequentaram, admitem que essas boates são ambientes extremamente dançantes e que os homossexuais se sentem a vontade para expressar sua sexualidade. Porém argumentam também, que em determinados momentos, ou dependendo da pessoa, certas atitudes denotam um comportamento promíscuo devido à

troca de parceiros no decorrer da festa. Dessa forma, nas palavras de Neto, “é o lugar onde a gente extravasa e que permite uma troca de prazeres”. (Neto, 19 anos).

Essa perspectiva mostra que as ideias se confundem com as impressões, sejam preliminares ou não, constroem diferentes percepções dos espaços. Assim, lugares que apresentam um público gay e hetero, como o Veneza e a Rainbow, as pessoas pensam que a maioria está ali apenas para ter um momento de distração, conversar com amigos, conhecer pessoas, seja por conta da música ou do caráter agradável do ambiente. Já para outros, lugares como boates, saunas e cinemas, “escrachadamente gay”, o público vai para “pegação” ou ainda “caçação”, onde se constrói uma sociabilidade homoerótica. (Simões, 2008). Nesse momento, fica evidente a associação dos espaços como lugares que afloram a liberdade, os desejos sexuais, o contato físico, de modo que a não contenção do que se pretende fazer torne-se algo fortemente desejado.

Vale ressaltar que os dois bares já citados, principalmente o Veneza, devido aos estilos de músicas diversificados, atrai um público diferenciado que comumente não se escandaliza com as ações de seus frequentadores. Essa visão promove uma circulação e um grande fluxo nesses ambientes por pessoas que não atribuem à ideia de promiscuidade de forma subjetiva ou preconceituosa. Ao contrário, pensam que não há diferença entre estes e os espaços considerados “normais”.

Segundo um entrevistado, *“não há diferença. Acho um lugar como qualquer outro. Tem todo o tipo de gente. Lugares heteros também se encontram gays. No entanto, sabemos que os guetos ainda existem.”* (Antônio, 41 anos, sociólogo).

A PESQUISA

Ao contrapor os resultados iniciais das pesquisas, temos:

NAS RUAS:

Experimentamos a difícil tarefa de conseguir parar nossos apressados interlocutores, que se encontravam totalmente inseridos na dinâmica tumultuada do centro da cidade. Muitos ao ouvirem que a pesquisa se tratava de circuitos de lazer homossexual, logo se revelavam indispostos para nos dar atenção, por isso, por vezes foi necessário, inicialmente, omitir que a “pesquisa envolvia a palavra homossexual”. Obviamente esta estratégia nos foi de grande ajuda.

Dos 40 (quarenta entrevistados), apenas doze já frequentaram os espaços de lazer voltados para o público homossexual.

Observamos que destes, apenas um expressiu visão negativa sobre o ambiente, afirmando que jamais voltaria a tal lugar, pois estes são “espaços de Liberdade exagerada” em sua fala, inclusive com a “liberação de sexo explícito”. Os outros expressaram visão positiva, destacando diferenças tais como: organização diferenciada, simpatia do público e a liberdade de exercer a identidade homossexual.

A maioria dos entrevistados (28), afirmou nunca terem frequentado ambiente direcionado ao público homossexual. O principal motivo é falta de oportunidade. (entre os evangélicos é unanimidade que evitam na fala de uma entrevistada, esses “tipos de espaço”). Mesmo sem nunca terem frequentado, identificam também a liberdade como o principal fator de diferenciação, a liberdade de se fazer o que quiser uma liberdade que perpassa pelo desrespeito. Segundo eles esses lugares agredem os padrões morais vigentes.

DENTRO DAS BOATES

A ida à boate nos revela um ambiente altamente movimentado, principalmente nas noites de sábado. O que se observa ali é que esses espaços não concentram somente homossexuais, pois é possível observar diversos casais heteros. Há, sobretudo, uma variedade na faixa etária. Já as músicas, passam por vários estilos, que vai desde o pop rock em ritmo de dance, funk, ou mesmo o tecno brega em alguns casos. Algumas músicas são mais esperadas, levam o público ao delírio em certos momentos, fazendo com que todos cantem os hits que são bastante conhecidos entre os frequentadores. É notável também a presença de jovens aparentando menos de 18, uma vez que não há sempre controle rigoroso nesse aspecto (boate Lux, por exemplo).

Participaram das entrevistas dentro dos circuitos pesquisados 18 pessoas, dentre eles 10 (dez) gays, 01 (uma) lésbica, 02 (dois) bissexuais e 02 (dois) casais hetero e homem heterossexual. Destes, apenas Guilherme, bissexual, 28 anos, afirma não haver diferença, diz:

“Sou de SP e já estive em muitos lugares tanto hetero como homo. Já andei mundo a fora e pra mim não tem diferença. Balada tudo é balada. Acho que quando se trata de estrutura dos espaços, até existe uma diferença por uma questão mercadológica, já que o publico hetero ainda é maior que o publico homo. Acho que

antigamente os ambientes gays eram mais promíscuos. A galera ia pra transar mesmo, se pegar. Hoje dia não é bem assim. Você viu, por exemplo, alguém transando na sua frente aqui?

Os outros entrevistados enfatizam a liberdade, como a principal diferença entre os espaços, contudo uma liberdade que difere da liberdade citada na entrevista por meio dos questionários na rua. Como é possível observar nas falas de Marcos, 27 anos: *“Aqui posso cumprir minhas obrigações amorosas com meu namorado, ou meu fica, sem ser taxado de promíscuo”* e na fala de Danilo 41 anos. *“O que este lugar tem é liberdade. para os gays mais antigos, aqui é um espaço pra conhecer pessoas e conversar, para os gays novinhos é mais que isso, é um dos poucos lugares, talvez o único, onde se pode ser o que se é. Esses espaços não existiam na minha época, hoje os jovens possuem mais armas pra lutar e se impor na sociedade, no entanto precisam saber usar mais isso. Já frequentei espaços héteros, afirmo que não difere muita coisa daqui, tem música, tem alegria, tem paquera e tem diversão, a diferença é que dois gays se beijando numa festa heterossexual é desrespeito e imoralidade”*.

Os casais entrevistados, já frequentaram algumas vezes esses ambientes e afirmam que existem diferenças visíveis, reportando-se novamente a liberdade, dizem que um homossexual em ambiente hetero, atrai logo atenção e hostilidade, ao passo que em bares e boates homossexuais, isso não acontece.

“Frequentamos aqui com nossos amigos, que são homossexuais a diferença é visível, eles se sentem bem e nós nos sentimos bem sabendo que não temos que encarar olhares e comentários preconceituosos”. Karla, 23 anos.

Na fala dos entrevistados fica evidente que, antes de tudo esses espaços constituem espaços de socialização como demonstra a fala de Stalyn, 23 anos.

Cara, se tu falas promiscuo no sentido de sexo, acho que é sim. Aqui dentro tem espaços que te permitem isso. Foram pensados pra isso. Mas assim, muita gente vem pra curtir a balada mesmo. Gosta do ambiente, das músicas. Acho que a gente não pode generalizar. Tenho amigos heteros que preferem baladas gay. Acho que é um espaço de socialização muito bom

É necessário que se discuta aqui as concepções de liberdade, expressas pelos dois públicos participantes da pesquisa, diante do que já foi dito, fica evidente que

aqueles que não frequentam o circuito de lazer homossexual o entendem como espaços de liberdade, muitas vezes citada pelos interlocutores, como promiscuidade.

Ao procurar o conceito de promíscuo no dicionário temos: “Agregado sem ordem nem distinção, misturado, confuso”, Mini Aurélio (2001). “Particularidade do que é promíscuo. Convivência de diferentes pessoas e de condições sociais diversas. Mistura confusa e desordenada de seres no mesmo ambiente. Relações sexuais em que estão envolvidos diversos parceiros. Relacionamento sexual desregrado ou com ausência de regras determinadas.” (Dicionário on line de português). “**Promiscuidade** denota um comportamento sexual humano, de sexo casual entre pessoas conhecidas ou não conhecidas entre si, principalmente entre pessoas não casadas.” (Wikipédia).

Como podemos observar nas definições acima, com exceção do que diz o Dicionário Aurélio, os outros conceitos estão voltados para o âmbito sexual, ligados principalmente com a sucessão contínua de parceiros sexuais.

“Associa-se homossexualidade a promiscuidade sexual, pois poucos são os homossexuais masculinos que contam com poucos parceiros sexuais durante a sua vida sexual ativa. Nalgumas culturas homossexuais, a diversidade de parceiros é vista como um ranking, ou seja, uma competição entre pares” LINO, (2009). O autor ainda demarca o descobrimento do vírus HIV, como o surgimento da relação direta entre homossexualidade e promiscuidade, entendida como a acumulação de parceiros sexuais.

Fato é que graças à propagação de estudos, principalmente realizados no campo da medicina, apontando, os homossexuais como os mais propensos à contaminação pela AIDS, atribui-se a homossexualidade o caráter inerente de promiscuidade, isto se reflete no resultado obtido através dos questionários, onde percebemos que a liberdade citada pelos entrevistados está ligada a ideia de promiscuidade, a imagem do sexo explícito, a imagem da relação envolvendo mais de duas pessoas, e a sucessão contínua de parceiros em curto espaço de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há algum tempo, os espaços direcionados ao público homossexual vem passando por inúmeras transformações no que tange a localização, ampliação, visão e participação das pessoas nesses ambientes de lazer e sociabilidade. A grande discussão posta aqui, diz respeito à percepção do senso comum e dos próprios frequentadores, assumidamente reconhecidos como homo afetivos, em torno da ideia de promiscuidade muito difundida na sociedade.

Vimos que boa parte dos nossos interlocutores da rua, das praças, em frente a shoppings ou centros comerciais, confirmam, sobretudo, a invisibilidade dos espaços, as

restrições a tais ambientes, e conseqüentemente, certa aversão por conta do preconceito, do distanciamento e da não aceitação das relações homossexuais em Belém. Na introdução deste trabalho, colocamos que Belém foi considerada, em estudo recente, uma das capitais mais homofóbicas do Brasil. Talvez isso elucide nossas conclusões.

Por outro lado, os poucos entrevistados que se disseram conhecedores dos ambientes, não hesitaram em falar nas diferenças, que para eles, eram perceptivas quando comparadas aos espaços heterossexuais. Alguns evidenciaram o público predominantemente gay, a espontaneidade, o grande índice de “ficas” e o a presença de atos sexuais explícitos. Não só esses, mas também os próprios homossexuais concebem em determinados momentos o mundo LGBT dessa forma.

Voltando para o público das ruas, muitas pessoas tiveram dificuldade em reconhecer termos como: heterossexual, homossexual, circuito de lazer, ou mesmo os locais onde se situam tais espaços voltados para o público GLS. Muitos destes tinham apenas o ensino médio e poucos se sentiam a vontade para falar sobre o assunto. Pensamos que esses fatores influenciaram nos rumos da pesquisa e ditaram nossas reflexões.

O ano de 2012 marca os 15 anos da parada gay em São Paulo, e o movimento social que visa acabar com o preconceito e a discriminação contra a homossexualidade ganha cada vez mais força nesse início de século. Nosso trabalho não objetiva claramente contribuir com essa problemática. Porém insita a discussão quando se pensa que os momentos de lazer e entretenimento estão presentes na vida de todos os indivíduos e os arranjos sociais ou a identidade de grupo caracteriza os espaços de socialização, concordando com a legitimação dos mesmos. É assim que vemos esses espaços, como meios de aproximar os diferentes, à medida que essa aceitação se amplia, e reafirma laços, quando os semelhantes passam a exercer o princípio da reciprocidade conforme os apontamentos de Lévi Strauss (2008).

As representações sociais dos espaços gays em Belém são múltiplas ou ainda inexistem. Todavia, os elementos que deram base a esse trabalho mostram que avanços ocorreram. Talvez a descentralização dos espaços e a própria dinâmica de cada um deles, contribuem para alterações na paisagem sócio cultural da cidade, intervindo diretamente nas percepções dos sujeitos e fazendo com que normalidade e anormalidade se confundam no campo social.

Partindo de um universo onde, segundo Gilberto Velho, coexistem múltiplas realidades e visões de mundo, essa variedade de percepções acerca desses espaços faz parte de uma lógica própria do meio urbano. (Velho,1994).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Isadora Lins. **Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo.** In: **Cadernos Pagu** (28), Campinas, São Paulo, janeiro-junho de 2007, p. 227-255;

LINO, Tiago Lopes. **A Promiscuidade Sexual na Homossexualidade Masculina.** Trabalho de curso. [Http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0148.pdf](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0148.pdf)

REIS, Ramom Pereira dos. **Encontros e Desencontros: por uma análise das relações homoeróticas entre gays em boates GLS de Belém – PA.** Belém, 2009.

SILVA, Milton Ribeiro da. **Na rua, na praça, na boate: Uma etnografia da sociabilidade LGBT no círculo GLS de Belém- PA/Milton Ribeiro da Silva Filho;** orientadora, Carmem Izabel Rodrigues. -2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade/** Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas]. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2006.

SIMMEL, Georg. **Simmel** – Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo. Ática, 1983.

SIMÕES, Julio Assis; **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero,sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo.** Trabalho apresentado na 26 Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

STRAUSS, Lévi. **O princípio da reciprocidade.**IN:As Estruturas Elementares do Parentesco.ed.Vozes.2008.